

**ABRACADABRA**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES  
COMUNICAM AOS ALIADOS**

**da cena**

**PODEM  
RESPONDER À**

**PANDEMIA**

**CAOS  
POLÍTICO**

**NO  
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,  
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS  
ARTES DA  
CENA PODEM  
RESPONDER  
À PANDEMIA E  
AO CAOS  
POLÍTICO NO  
BRASIL?**

Organizadores:  
Ana Terra  
Matteo Bonfitto  
Silvia Geraldi  
Renato Ferracini



**ABRACE**

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

## **Diretoria ABRACE**

### **Gestão - 2019-2020... e pandemia**

#### **PRESIDENTE**

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

#### **1ª SECRETÁRIA**

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

#### **2ª SECRETÁRIA**

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

#### **TESOUREIRA**

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

#### **COMISSÃO EDITORIAL**

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)  
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)  
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

#### **CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)  
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)  
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

#### **SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)  
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)  
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

#### **EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL**

Arthur Amaral

#### **EDIÇÃO**

ABRACE

#### **CO-EDIÇÃO**

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

# COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.  
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

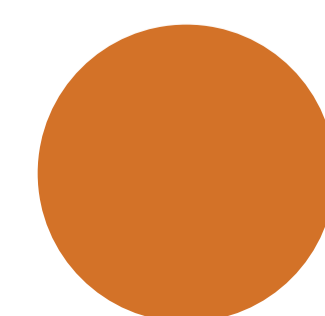
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



# COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

## Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

**Comissão Editorial Abrace**  
**Gestão 19/20/21**

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

# SUMÁRIO

## capítulo 1

### Cena, resistência e experimentações digitais

#### *DOSSIÊ DO DESCURSO*

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,  
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira \_\_\_\_\_ 15

#### *CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE*

André Carrico \_\_\_\_\_ 95

#### *ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ*

Sócrates Fusinato \_\_\_\_\_ 99

#### *POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva \_\_\_\_\_ 117

#### *TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?*

Maíra Castilhos Coelho \_\_\_\_\_ 144

#### *O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA*

Mônica Melo \_\_\_\_\_ 172

#### *VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS*

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães \_\_\_\_\_ 198

#### *QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS*

Priscila Rosa \_\_\_\_\_ 216

#### *O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.*

Daniele Pimenta \_\_\_\_\_ 224

#### *VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA*

Charles Feitosa (UNIRIO) \_\_\_\_\_ 240

#### *MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE*

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni \_\_\_\_\_ 253

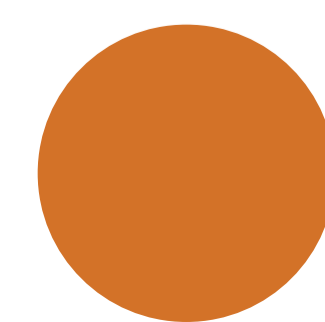


<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

## capítulo 2

### Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA  
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira \_\_\_\_\_ 599

*ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS*

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini \_\_\_\_\_ 638

*“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020*

Alba Pedreira Vieira \_\_\_\_\_ 666

*DANÇA NA PANDEMIA*

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães \_\_\_\_\_ 696

**capítulo 3****Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. \_\_\_\_\_ 712

*CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO*

Andre Luiz Rodrigues Ferreira \_\_\_\_\_ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:  
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes \_\_\_\_\_ 757

*BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS*

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins \_\_\_\_\_ 793

*PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA*

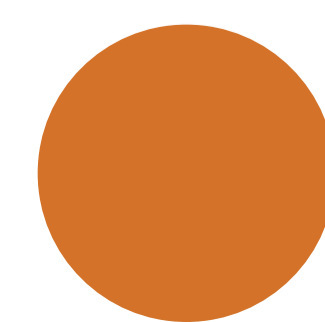
Estela Vale Villegas \_\_\_\_\_ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA  
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad \_\_\_\_\_ 856

**capítulo 4****Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman \_\_\_\_\_ 887



*COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO*  
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,  
Tania Alice \_\_\_\_\_ 908

## capítulo 5

### Ações performativas em isolamento

*SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS*  
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira \_\_\_\_\_ 935

*MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI*  
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas \_\_\_\_\_ 940

*QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO*  
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,  
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,  
Jefferson Fernandes \_\_\_\_\_ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA  
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*  
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva \_\_\_\_\_ 962

*TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.*  
Stefanie Liz Polidoro \_\_\_\_\_ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA  
NO ISOLAMENTO SOCIAL*  
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez \_\_\_\_\_ 989

*CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA*  
Carla Vendramin \_\_\_\_\_ 1004

*DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA*  
Danielle Martins de Farias \_\_\_\_\_ 1033

*RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS*  
Silvia Balestreri \_\_\_\_\_ 1037

*UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA*  
Domenico Ban Jr. \_\_\_\_\_ 1044

*VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO*  
Patrícia Souza de Almeida \_\_\_\_\_ 1049

## capítulo 6

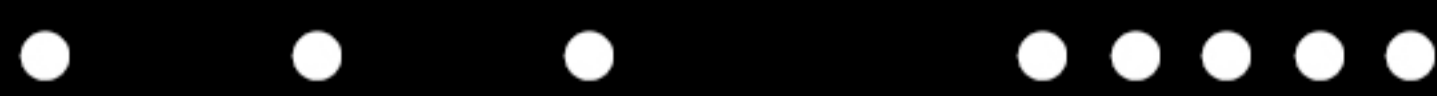
### Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*  
Rafaela Blanch Pires \_\_\_\_\_ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*  
Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*  
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*  
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva \_\_\_\_\_ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*  
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar \_\_\_\_\_ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*  
João Vítor Ferreira Nunes \_\_\_\_\_ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*  
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos \_\_\_\_\_ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*  
Janaína Maria Machado (UFBA) \_\_\_\_\_ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*  
Nanci de Freitas \_\_\_\_\_ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*  
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá \_\_\_\_\_ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*  
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,  
Tânia Guerra de Souza \_\_\_\_\_ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



**CAPÍTULO 3**  
feminismos plurais,  
**PERFORMANCES**  
**E PERFORMATIVIDADES**



# BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes (UFRGS)<sup>1</sup>

Louise Pierosan (UFRGS)<sup>2</sup>

Aline Marques (UFRGS)<sup>3</sup>

Daiani Picoli “Nina” (UFRGS)<sup>4</sup>

Juliana Kersting (UFRGS)<sup>5</sup>

Débora Souto Allemand (UFRGS)<sup>6</sup>

Iassanã Martins (UFRGS)<sup>7</sup>

## \_\_RESUMO

O texto reúne reflexões de sete mulheres artistas-pesquisadoras sobre o momento histórico que vivemos e suas ressonâncias nas artes da cena, a partir de uma experiência

<sup>1</sup> Patricia Fagundes é professora associada do Departamento de Arte Dramática e do PPGAC da UFRGS. Encenadora.

<sup>2</sup> Louise Pierosan é graduanda em Teatro - Habilitação Direção Teatral, pela UFRGS, com orientação de Patricia Fagundes. É atriz, diretora, produtora, jornalista.

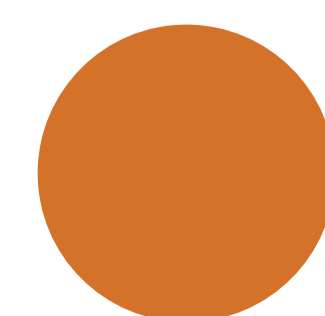
<sup>3</sup> Aline Marques, mestranda no PPGAC - UFRGS, com orientação de Patricia Fagundes. Atriz e professora de teatro.

<sup>4</sup> Daiani Picoli, mestranda em Artes Cênicas pelo PPGAC-UFRGS, com orientação de Patricia Fagundes. Atriz e professora de Teatro na Fundação Municipal de Artes de Montenegro (FUNDARTE).

<sup>5</sup> Juliana Kersting é mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC-UFRGS, com orientação de Patricia Fagundes. Atriz, bailarina de flamenco e produtora.

<sup>6</sup> Débora Souto Allemand, professora de Dança do Colégio de Aplicação da UFRGS. Doutoranda em Artes Cênicas pela UFRGS, com orientação de Patricia Fagundes. Pesquisa as relações entre corpo, escola, dança e espaço.

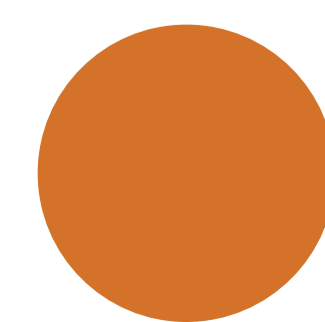
<sup>7</sup> Iassanã Martins é Mestra e Doutoranda no PPGAC - UFRGS, com orientação de Patricia Fagundes. Professora Colaboradora na UDESC. Atriz e iluminadora.



compartilhada de criação desenvolvida de maio a julho de 2020. Durante algumas semanas, as autoras desenvolveram breves exercícios em vídeo a partir de estímulos comuns, discutidos em reuniões semanais que também configuraram um espaço de troca e acolhimento entre as tempestades de um país que se estilhaça. Após o ciclo de vídeos, deu-se início a um ciclo de cartas, em outra forma de criação e reflexão compartilhada. Tais exercícios de criação, de forma audiovisual ou escrita, desenvolvidos a partir do repertório das artes cênicas, revelaram-se como modos de navegar em meio ao naufrágio que testemunhamos, articulando frestas de respiro e existência. Afirma-se a importância de compormos nossas histórias, distintas das narrativas do poder, e inscrevê-las no tempo. Nossas histórias, que compõem o presente e também a memória de outros tempos, passados e futuros, podem articular imaginários para outras realidades possíveis. Em tempos distópicos, a arte e o encontro se oferecem como esperança e possibilidade de imaginar outros mundos.

## **\_\_PALAVRAS CHAVE**

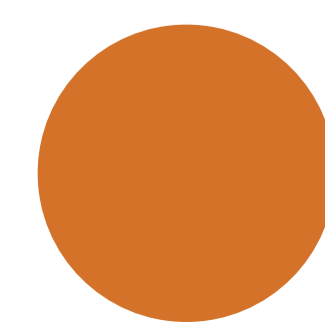
Artes cênicas. Teatro. Narrativa. Mulheres na cena.





## \_\_ABSTRACTO

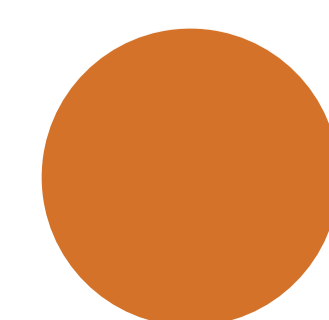
El texto recoge reflexiones de siete mujeres artistas-investigadoras sobre el momento histórico que vivimos y sus resonancias en las artes escénicas, a partir de una experiencia compartida de creación, desarrollada entre mayo y julio de 2020. Durante unas semanas, las autoras desarrollaron breves ejercicios en video basado en estímulos comunes, discutido en reuniones semanales que también configuraron un espacio de intercambio y acogida entre las tormentas de un país que se parte. Tras el ciclo de vídeos, se inició un ciclo de cartas, en otra forma de creación y reflexión compartida. Tales ejercicios de creación, en forma audiovisual o escrita, desarrollados a partir del repertorio de las artes escénicas, se revelaron como formas de navegar en medio del naufragio que presenciamos, articulando neugas de respiración y existencia. La importancia de componer nuestras historias, distintas de las narrativas del poder, se afirma e inscribe en el tiempo. Nuestras historias, que componen el presente y también la memoria de otros tiempos, pasados y futuros, pueden articular imaginarios de otras realidades posibles. En tiempos distópicos, el arte y el encuentro ofrecen esperanza y la posibilidad de imaginar otros mundos.



## \_\_PALABRAS CLAVES

Artes escénicas. Teatro. Narrativa. Mujer en escena.

Este texto é constituído por uma escrita coletiva realizada por sete pesquisadoras das Artes Cênicas vinculadas ao projeto *Práticas de Encontro – o político na cena contemporânea*, desenvolvido no Departamento de Arte Dramática e no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O ensaio foi provocado por criações audiovisuais, que aconteceram semanalmente durante o início do período de distanciamento social face à pandemia de COVID-19, entre os meses de maio e julho de 2020. Criações geradas na turbulência do momento, com os recursos possíveis, produzidas e enviadas através dos celulares pessoais de cada uma, a partir de disparadores comuns definidos a cada semana. Como regras do jogo, pouca ou nenhuma edição e tempo reduzido (entre 1 e 2 minutos, aproximadamente). A partir destas criações imediatas e urgentes, as sete artistas-pesquisadoras escreveram cartas que refletem sobre esta ação e este tempo. Narrativas de si, mapas de quem somos. No encontro e na troca, busca-se possibilidades de enfrentar o distópico momento que vivemos, coletivamente,



dialogando a partir da arte para pensar a as histórias que compõem, ou são apagadas, nesta longa narrativa chamada História.

Oi gente

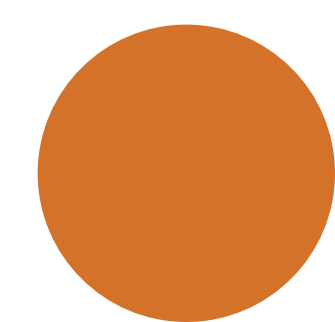
Escrevo agora pensando em alguns meses atrás, quando tudo começou. Então eu propus algo que nos conectasse, uma ação criativa como conversa, como encontro em meio ao distanciamento. Talvez apenas o desejo de um pedaço do real do que era a minha vida. De repente paramos de nos reunir, ensaiar, apresentar, dar aulas, assistir aulas, fazer festa. Nós, que trabalhamos e sonhamos a partir da presença e do encontro. Quem somos quando deixamos de fazer o que nos faz? Há alguns meses, naquele momento que agora parece há tanto tempo, nos organizamos para trocar pequenas criações, como garrafas jogadas ao mar. Para narrar o tempo, narrar a nós mesmas. Como disse a Mirna<sup>8</sup>: “desde que vivo, narro-me”. Talvez só exista o que seja narrado, a vida da que fazemos histórias. Então que sejam nossas histórias. As histórias que queremos contar, narradas por nossos corpos, e não as que tentam diariamente nos enfiar goela abaixo. O que chamamos realidade, que já sabíamos ser uma construção narrativa aceita através de acordos sociais, tem superado tanto o que chamamos ficção, que também é uma parte da realidade. Mas acontece

<sup>8</sup> Mirna Spritzer, atriz, pesquisadora e professora do PPGAC, em um dos vídeos realizados.

que o roteiro da realidade do Brasil está exagerado. Tramas excessivas, personagens caricatos, mistura de tragédia e farsa grotesca, violência sanguinolenta, vilões que parecem de HQs, mentiras espetaculares. Parece tão inverossímil, não parece? Seria inacreditável, se não afetasse diretamente os corpos e as possibilidades de presente e futuro das pessoas e do planeta.

Às vezes, neste presente distópico que habitamos, parece faltar fôlego para inventar histórias para outros futuros. Se o século XX foi de violência e guerra, cheio de lama e sangue, talvez este seja das luzes de telas e sinais eletrônicos, um século de shows e *fakenews* no meio do mar de informações a que temos acesso em um clique. Afinal, começamos este século com o espetacular acontecimento das torres de Nova York, aquela cidade que conhecemos dos filmes. Os jogos de guerra do século XXI também são cheios de sangue, evidentemente, e até televisionados, mas quem se importa? Só se os mortos são brancos e fora da linha da pobreza. De resto, tanta gente morre todos os dias, não somos coveiros, como disse o atual presidente do país, que continuamente nos brinda com falas e ações de uma violência *grand-guignol*.

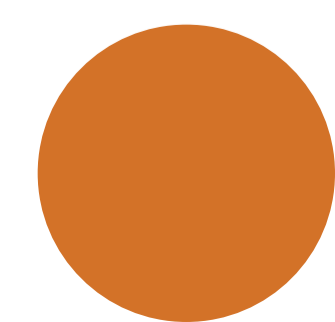
Então talvez seja isso, precisamos narrar o que nos passa, o que nos acontece, nossa experiência como disse Larrosa (2014), precisamos narrar nosso tempo para que



nele exista o que nos acontece, o que não está contido nas narrativas do poder. Para que a gente exista. Às vezes tenho uma sensação de desaparecimento. Também por isso, no início dos dias de pandemia, propus os vídeos. Para nos ver, nos escutar, encontrar. Em mais ou menos um minuto, nos contar em meio aos estilhaços desta paisagem de máscara, álcool em gel, lavar as mãos, higienizar, isolar, ficar em casa, manter distância. Outra paisagem que parece exagero ficcional, a pandemia. Justo um vírus que produz uma doença que não permite respirar. Uma coisa invisível colocando uma lente gigante em nossas feridas. Como ficam em casa os que não têm casa? Como evitam ônibus lotados os que não podem parar de trabalhar devido ao desamparo de políticas públicas responsáveis? Como lavam as mãos os que não têm acesso à água?

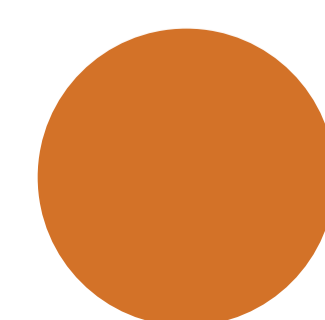
E tem a questão das artes da cena, estas que supõem um fazer de encontro, de corpos, de toque, suor, estar junto. A arte já estava na berlinda nestes tempos de neoliberalismo feroz e ataque a toda poesia, entendendo poesia como um modo de perceber, pensar e viver o mundo. O que acontece com nossos corpos distanciados? Para onde vão nossas criações? Como respirar?

Perguntas que se somam e inscrevem no corpo e no tempo. Em todos os cantos do país, artistas da cena, entocados atrás de máquinas e telas, inventam formas



possíveis de existir em vídeos, *lives*, *podcasts*, *stories*, ocupando plataformas, tentando encontros desmaterializados, algumas vezes temporais. Se é ou não é teatro, se é ou não é dança, pouco importa. É com o repertório da cena, com a memória marcada na pele, que artistas vão tentando respirar e criar, de múltiplos modos.

Nós mesmas estamos imersas em tantos fazeres, tentando navegar no naufrágio. (Imagino alguém rindo, ela e seus naufrágios, há anos falando de naufrágios... é uma imagem que não me sai da retina, náufragos em meio aos destroços da civilização, nossos naufrágios). Então, entre aulas, vídeo-teatro, teatro online, artigos, dissertações e teses, estas tantas coisas que fazemos, escrevo esta carta como convite para pensarmos sobre nossa pequena produção de vídeos, que chamávamos de breves criações pandêmicas. Tudo muito simples, nossos celulares, propostas e provocações compartilhadas. Exercícios de pensamento-criação, em rede. Como que forjando uma alternativa para o encontro, um modo de pensar juntas, como o fazer da cena nos oferece e exige. Uma mostra dos vídeos está em <https://youtu.be/UbiwxpLY6hY>. Convido agora para esta outra criação, a escrita. Outro modo de nos narrar e narrar o que nos passa, também tecido por nós, artistas-pesquisadoras em junção, conjunção. Nossas cartas ao mar. Um jeito de existir e marcar nossas histórias na pele do tempo.



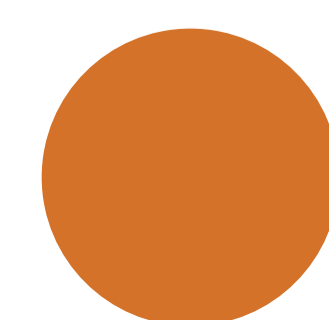
Um beijo,

Patricia

Olá gurias, pesquisadoras, mulheres, amigas

Peço licença para ser direta. Normalmente eu tenho a mania de tentar “florear” meus textos, mas aqui são tantos assuntos que às vezes eu nem dou conta de organizar direito, quanto mais falar, ou escrever bonito. Quero falar um pouquinho de todos eles, temas que passaram pela minha cabeça de forma misturada durante essa quarentena, que giraram feito um furacão dentro de mim, que se conectam nos meus devaneios. Vou me esforçar para que eles façam sentido. Já que o mundo anda tão triste, enlutado e desesperançoso, vou tentar olhar para o outro lado, então.

Acho que nesse tempo, que na contagem tradicional gira em torno de seis meses, mas que no sentido do corpo eu nem sei dizer quanto tempo passou, me perdi um pouco de mim (e quem não?). Como diz a Pati: “O que somos quando não podemos fazer o que nos faz?”. Em muitos momentos eu já não sabia muito bem quem era. Se era artista, se era jornalista, tentei ser marketeira, *social media*, *podcaster*, professora, pensei em ser florista, caixa



de supermercado, atendente de farmácia, empreendedora (?), pesquisadora. Escrevi tudo o que eu poderia ser em diversos *post-its* coloridos, colados na minha parede, tentando fazer um mapa mental de mim mesma.

Confesso que essa necessidade de “ser algo” era na verdade um desespero por rentabilizar esse “algo”. Eu me senti na obrigação de dar conta dessa demanda neo-liberal de ser uma empreendedora de mim mesma. Sem renda, sem cachê, sem salário, desesperei em “ganhar dinheiro”. E, como já disse muita gente, a pandemia parece uma lupa para coisas que já existiam muito antes, desde a invasão do Brasil. Essa lupa para mim também foi pessoal. “Acho que eu tenho uma relação mal resolvida com o dinheiro há muito tempo”, pensei. E por isso aquele vídeo das moedas nos olhos, com aquela música da Letrux<sup>9</sup> que diz: “eu estou aos prantos, quem não?”. A ideia era falar como o dinheiro se tornou mais importante que a morte. Os CPFs versus os CNPJs. Salvar vidas ou salvar a economia? Que desastre o fato de que essa seja uma pergunta real, que conduziu as políticas públicas (quais mesmo?) de enfrentamento à pandemia.

Forcei-me a sempre, sempre, lembrar os meus privilégios. Privilégio de poder fazer quarentena, privilégio de ter uma criação que me fez uma pessoa saudável,

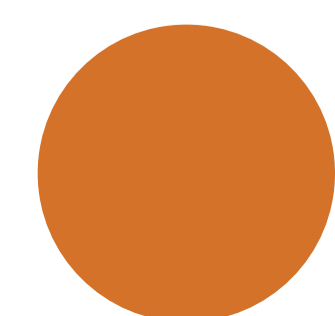
<sup>9</sup> Letrux é Letícia Pinheiro de Novaes, atriz, escritora, cantora, compositora e instrumentista brasileira. Em março de 2020 lançou seu segundo disco intitulado *Letrux aos Prantos*.



privilégio de ter uma família que me dá suporte, privilégio de estudar teatro, privilégio de ser branca, privilégio de herdar privilégios. Incontáveis privilégios. PRIVILÉGIOS. Calquei nessa palavra para não ficar reclamando sobre as coisas das quais não disponho, mesmo que eu tenha reclamado incontáveis vezes. Pensei também no privilégio de ter amigos, de ter redes, privilégio de ter mulheres ao meu redor.

Passei grande parte dessa quarentena só em contato com homens, e, gurias, é difícil! Eu morava com dois homens, e só saía para visitar meu companheiro, que também é homem e que mora com outro homem. Cinco homens ao meu redor durante cinco meses. É DIFÍCIL! Tentei dividir as dores e angústia com esses homens e criar dinâmicas de suporte. Não vou dizer que não funcionou, que homens não sabem criar redes de apoio, talvez saibam, mas confesso que chorei algumas vezes por me sentir desamparada no meio de um desastre mundial. As relações com todos esses homens ficaram muito estremecidas. Tão estremecidas que me forçaram a fazer uma mudança.

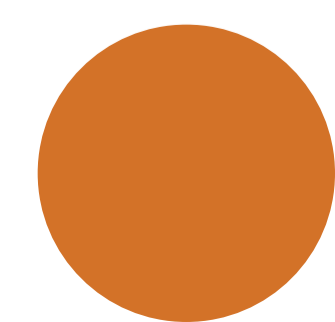
Mudança física mesmo. Mudei de casa no meio da pandemia. E durante todo esse movimento me dei conta que as diferentes redes de mulheres que construí ao longo da vida me sustentaram emocional e financeiramente. Não foram eles, que estavam tão próximos fisicamente. Foram



elas, à distância, que se fizerem presentes. De repente eu estou em outro apartamento graças ao amparo de uma amiga, esse amparo eu estendi para outra amiga, que agora mora comigo, eu também ajudo outra amiga a fazer comidas que ela vende e essa renda passou a ser seu sustento na pandemia, e até colheita eu fiz esses dias porque outra amiga me indicou para um agricultor que precisava de ajuda na horta.

No final das contas, acho que é isso que eu quero falar nessa carta. Ao longo do meu aprendizado em ser uma mulher feminista, foi nesse momento tão desesperado que realmente senti o privilégio que é ter mulheres ao meu redor e sentir na prática o nosso cuidado, o jeito que a gente se ajuda, como a gente se nutre, se escuta, se incentiva, se suporta (no sentido de suporte mesmo).

No nosso grupo de pesquisa tenho amigas que considero família, e tenho amigas que encontrei mais virtualmente do que presencialmente. Mas que sim, considero amigas mesmo assim. E que entrei mais em contato por causa dessa proposta simples de fazer vídeos, de trocar provocações, ideias. Por causa dessas breves criações pandêmicas dividi um pouquinho de angústia e de vida com mulheres que já admirava há algum tempo, mas que conheci um pouco mais pela internet. Acho que entre todo o caos, desesperança e nebulosidade dessa quarentena, essa, pra mim, foi a beleza.



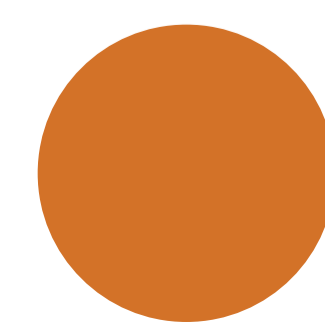
Descobrir que sim, essa rede de mulheres maravilhosas ao meu redor me sustenta. É um privilégio poder encontrar e trocar com vocês, mulheres, mesmo que por meio dessas telas todas.

Um abraço cheio de afeto,

Lou

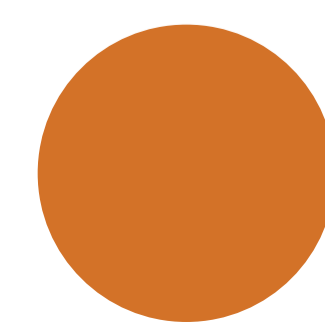
Oi, frestas! Oi, todo mundo!

Falo aqui de Porto Alegre, neste inverno maluco, hoje chove e faz frio, ontem parecia um verão melequento. Sigo dentro de casa, quarentemando e caraminholando sobre o caos. Tenho sonhado muito e lembrado nitidamente dos meus sonhos. São sonhos estranhos, alguns bem caóticos e agoniantes, mas repletos de sensações tão diversas, que no dia seguinte não necessariamente me causam más lembranças, às vezes o que fica é só uma saudade daquelas minhas vidas paralelas. Hoje eu acordei de um sonho muito sintomático em relação a esses tempos de pandemia que vivemos. Eu andava em uma rua e várias pessoas agrediam umas às outras, se golpeavam, mas era consensual, fazia parte de um evento. Quando as pessoas corriam na minha direção para me agredir, eu avisava rapidamente que eu não fazia parte daquele movimento



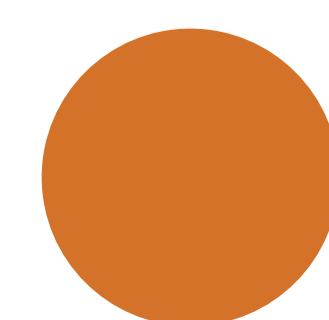
e então elas desviavam de mim. De repente, avalanches de pedras enormes tomaram o planeta inteiro. E todas as pessoas subiram nas pedras, que eram retangulares, do tamanho de um túmulo. Ficávamos deitados em cima das pedras nos deslocando. O mundo todo flutuava sobre pedras túmulos. Eu dividia uma pedra com um homem desconhecido, que estava deitado em cima de mim. Chegamos a um lugar que era uma espécie de imigração, nós éramos todos estrangeiros navegantes. Lembro da sensação de ter medo, pois alguém muito poderoso nos controlava. Éramos examinados e íamos para diferentes direções conforme o comando de pessoas encarregadas. Entretanto, em meio à atmosfera de medo e insegurança, rolou um lance entre o desconhecido deitado em cima de mim e eu.

Em uma noite tive aquele outro sonho que motivou uma de minhas breves criações pandêmicas, no qual eu quebrava de propósito, mas sem motivo aparente, a cortina de um teatro e passava o sonho inteiro dentro do teatro, tentando consertar a cortina e sendo julgada pelo que eu havia feito. Achei significativo sonhar com teatro, com cortina quebrada por mim de propósito, com culpa, julgamento, enfim, uma série de elementos que têm percorrido meu imaginário, enquanto estou em distanciamento social. Estar presa em casa é um sacrifício, ao mesmo tempo que poder estar resguardada em casa é um privilégio. De todo



modo, o distanciamento social e a privação de exercer a materialidade, a presença física e as “relações entre” que envolvem as artes cênicas têm sido um desafio também adoecedor, causador de uma espécie de doença sistêmica que ataca o que fazíamos, quem éramos e o que nos sustentava.

Quebrar a cortina e tentar consertá-la logo em seguida durante o sonho. Talvez tenha sido a imagem que meu inconsciente encontrou para abordar o impasse entre a aceitação de um teatro que se pode fazer agora e a resistência ou incapacidade de agir e criar nas atuais circunstâncias. Me refiro à criação não só artística, mas também de alternativas práticas para subsidiar e dar visibilidade à arte e à artista neste momento de tantas impossibilidades. Há uma certa precariedade na maneira como se organiza o mercado artístico e cultural, já que artistas criam sua arte, mas também suas estratégias de produção e divulgação, utilizando suas redes sociais pessoais, fundindo trabalho artístico e vida. Segundo Bojana Kunst (2015), antes da pandemia artistas já representavam, mesmo que involuntariamente, uma espécie de ideal de trabalhador e trabalhadora do capitalismo pós-industrial, oferecendo flexibilidade, mobilidade, performatividade, simultaneidade, impermanência e visibilidade. Me parece que agora, em tempos de *lives* e de *home office*, artistas têm



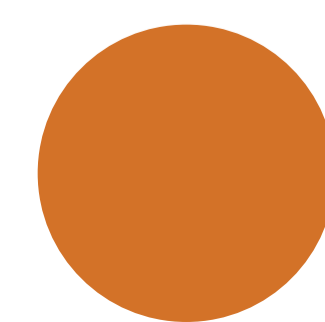
a possibilidade de usar da fluidez de seu trabalho para se adaptarem às novas demandas, exigências e possibilidades artístico-capitalistas. Mas ao mesmo tempo, acredito que corram o risco de passarem o sonho inteiro tentando consertar a cortina ou de afundarem nas armadilhas de exploração do tempo, da vida e do seu trabalho, que é vida. Eu me sinto marcando todas as alternativas o tempo inteiro... E vocês? Beijos dessa atriz bufa que está tentando escrever malandramente, com menos formalidade.

Aline

Embarcação com frestas,

É 2020, espero que vocês mulheres estejam bem.

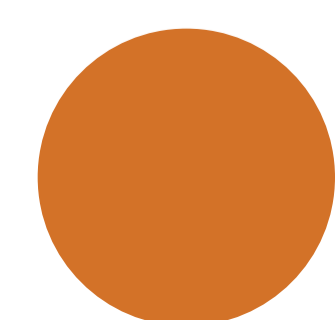
Estamos longe, mas tentamos estar perto. Perto na possibilidade que temos por enquanto, *entre* telas, as vejo em um amontoado de *pixels*, escuto suas vozes por ondas sonoras transmitidas de garganta para aparelho, de aparelho para outra tela até meus ouvidos. Parece tão distante, todos esses interlocutores digitais entre nós, mas por hora é o que temos. É assim que compartilhamos nossos fazeres e não fazeres, nossas vontades e não vontades, nossas questões não respondidas por mais questões sem respostas. Lanço minha garrafa ao mar, desejando que ela



carregue o conteúdo dessa carta em segurança, sabendo do risco da mesma se perder na imensidão e nunca alcançar nenhuma de vocês, e também nenhuma margem. Alcançar margens. Me pergunto como chegar até elas navegando pela melhor rota, sem necessidade de explorar e matar, ou quebrar outras garrafas e destruir o que carregam. Como?

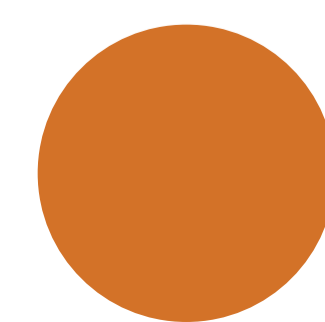
Como preencher garrafas para lançar no mar, sem oferecer apenas ensimesmamentos? Como? Sou uma navegadora perdida. Somos uma tripulação que segue tentando navegar, em um mar sem nome, durante essa imensa tempestade. Entre as ondas gigantes e o céu nublado, restam algumas frestas, nas quais podemos vislumbrar terra e até um certo raiar de sol.

Parece que temos olhado, quase sempre, para nós mesmas superestimando nossas individualidades, por vezes, esquecendo que outros seres humanos vivem conosco neste planeta. Planeta que tratamos como se fosse um bem que adquirimos exclusivamente para nosso uso, até seu fim. Um fim que 2020 anunciou com a Covid-19, ainda não um fim definitivo, mas um fim para muitas vidas, fim de muitas histórias, como milhares de garrafas quebradas no mar. Imagino todos esses estilhaços boiando e refletindo exatamente a imagem destrutiva de uma humanidade aos pedaços. Estamos aos pedaços.



Nossa imagem tornou-se perigosa, como a de Narciso, que acabou por afogar-se em sua própria imagem. Estamos nos afogando no que refletimos. Tenho a sensação que esquecemos de desacelerar, olhar e ver, enxergar verdadeiramente ao nosso redor. A pandemia nos desacelerou por um curto tempo, paramos, mas voltamos a acelerar desenfreadamente em nosso mundo multitarefado e não presente, mas presente, levemente presente. Nosso corpo pode ficar quase paralisado, mas nossa voz e imagem podem estar em muitos lugares ao mesmo tempo, o tempo todo. Não é preciso estar presente, basta estar *online* – essa é a nova presença.

Me olhar em telas tem me cansado, o excesso da minha imagem me aborrece, e a vocês? Vejo corpos falecendo por *entre* telas, os olhos perdendo o brilho, o “novo teatro”, que não sei se é Teatro, mas é o Teatro encontrando uma maneira de sobreviver e seguir vivo de alguma forma. Há uma ansiedade e um medo constante gerados pelo sistema político brasileiro, desde aquele 2016, especialmente pelo homem que se diz presidente da nação. Aquele que, com milhares de mortes acontecendo no país, mostra-se completamente indiferente às vidas perdidas dizendo que é “Messias, mas não faz milagre”, nos questionando com perguntas como: “Vocês querem que eu faça o que?!”. O quê? Talvez só quiséssemos que ele não fizesse nada,

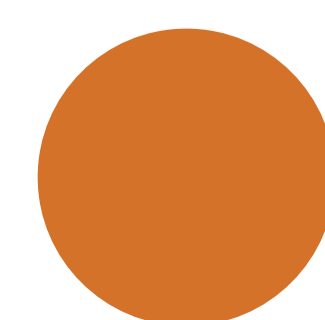




que não estivesse onde está, que desaparecesse como um sonho ruim.

Essa tempestade, que a pandemia agravou, revela as tristes manobras necropolíticas que constituem o Brasil. A pandemia está sendo *aproveitada* como arma de extermínio. Não combatida, como imagino que deveria ser. A jornalista e pesquisadora Rosane Borges (2019) fala em uma entrevista sobre como a necropolítica, conceito desenvolvido pelo filósofo Achille Mbembe, se configura como política da morte promovida pelo Estado, que deveria cuidar e não matar as pessoas. Que o que vemos hoje no Brasil é uma política de uso ilegítimo da força, sem nenhum tipo de serviço de inteligência ou combate real à criminalidade. As vidas consideradas não importantes são representadas em números, que se tornaram incontáveis, não sabemos quantos mortos são na realidade. Ainda assim, sabemos que os números têm cor, classe social e endereço. Em grande parte, são aquelas pessoas consideradas *não importantes* por nosso Estado; sua morte representa uma *limpeza* racial e classista, que é feita no Brasil há centenas de anos.

A tormenta em que estamos é assustadora. Mas me arrisco com vocês e nossa gente, seguiremos navegando, confio nisso. Nosso barco resistirá. Os ventos nos empurram para muitas direções. Ouço a Pati gritando para mantermos as velas de nossa embarcação içadas e abertas. Sigo



navegando com vocês mulheres, até que se possa e queira.

Um beijo para todas,

Nina.

Oi gurias,

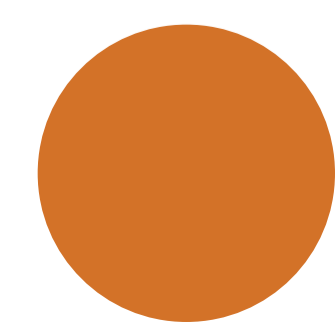
Antes de mais nada, obrigada. Obrigada pelo convite. Obrigada a todas pelas palavras, por dividir como tem sido seus dias. Obrigada pelos encontros semanais e pelos vídeos. Obrigada por me acolherem por entre estas frestas e me puxarem para estar junto.

Sabem que, mesmo depois de ter defendido o mestrado (nossa, já faz quase um ano!), escrever ainda é um desafio. Ao longo da pesquisa descobri que a escrita toma dimensões para além do registro, e como escreveram Celina e Gilberto, através dela “plasmamos uma relação de indissociabilidade entre prática e pensamento, entre criação de uma obra e criação de si mesmo, sobretudo do sujeito que a processa” (ALCÂNTARA; ICLE, 2014, p. 469- 470). Escrever é como materializar os momentos de criação, é como apresentar as múltiplas identidades que carrego e atualizar espaço e tempo em um mesmo lugar. Repito para mim mesma: atualizar espaço e tempo em um mesmo lugar. E logo depois: como será escrever nesse momento?

Tem dias que a vontade é só dormir, dias de “agora vai”, dias de desistência, dias de chorar. Olho para a parede e vejo *post-its* que lembram que estou ativa. Que tenho trabalhado, que ainda tenho um ofício. Ainda sou artista e pesquisadora da cena. Ainda estou aqui. Tenho corpo, carne, osso, memórias, mesmo que perdidas em mim mesma. Tenho lapsos de memória com frequência. Parece que o contato com outros corpos marcava, definia os limites do meu corpo. Um limite que acontece quando tiro os olhos do meu umbigo e olho para frente, para as outras, para os lados. Sinto falta do contato.

Tenho conversado muito com minha filha, ela está com 13 anos. Ela sente falta das/dos colegas, professoras, escola, treino de vôlei. Ela me contou sobre a falta que sente, e faz eu pensar em outras tantas pessoas que também precisam da presença corpórea e do encontro para trabalhar e existir. Artistas, atletas, professoras (uma parte delas). Toda e qualquer atividade que demande ajuntamento, corpo, contato, suor, cheiros, estão suspensas. Ao menos para quem ainda teima em manter o distanciamento. Sim, parece uma teimosia, já que começamos a ver bares, praias, ruas cheias de pessoas.

Sintou ma profunda falta de perspectiva e uma exaustão que muitas vezes não sei o motivo. Sobre o que mesmo que estou escrevendo? Abrir o computador. Conferir conversas.



Marcar reunião. Maratonar qualquer série que pareça interessante. *Twitaço* para aprovar lei Aldir Blanc. Abrir o *word* e tentar escrever. Conferir seleção para o doutorado, edital suspenso. Vida suspensa e uma sensação de não saber o que estou fazendo. Escrever proposta para editais emergenciais de cultura. Reinventar, reinventar, reinventar. Tento aprender a me planejar, mas me sinto cansada e tudo parece mais difícil. Penso então que devo ter paciência, respirar e acolher este estado de atrapalhão.

Sete de setembro de 2020, mais de 125mil pessoas mortas em consequência da covid-19, também em consequência do descuido e descaso. Acho que o sonho da Aline fala sobre isso, sobre estas centenas de milhares de túmulos que voam. Hoje são tantos que poderiam encher um ou dois estádios de futebol ou até mesmo povoar uma cidade. Estamos no país do cada um por si, onde o isolamento necessário para evitarmos novas contaminações explicitou o distanciamento social nosso de cada dia. As pessoas que mais morrem são pobres e não brancas. A pandemia escancarou o genocídio que já estava em curso no país, escancarou a falta de cuidado, escancarou nossos comportamentos racistas, machistas, transfóbicos. Tenho acompanhado as redes sociais da pesquisadora Debora Diniz<sup>10</sup>, no dia 14 de julho ela postou em seu Instagram:

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCpRvdBl6kn/>. Acessado 07/08/2020.

Releio Lugones no dia de sua morte. Percorro minhas notas sobre o ‘rumo para um feminismo decolonial’ em um momento em que vivemos expressões coloniais da pandemia entrecruzadas aos efeitos perversos da opressão ‘racializada capitalista e de gênero’. Não deixo de pensar como a colonialidade do ser nos leva a processos de desumanização dos corpos.

Inspirada no texto *Monólogo do vírus*, de autoria anônima, publicado no site da editora n-1<sup>11</sup> criei um dos vídeos pandêmicos. Pintei meu rosto de vermelho e o cabelo de verde. Filmo somente meu rosto com um fundo branco, frio. Em off, trechos do texto em chinês, em inglês, em português. Sou o vírus. O vírus expõe nossas fragilidades. O sufocamento dos nós na garganta, vira tosse seca. A ansiedade e angústia apertam o peito. A tristeza, se torna falta de ar... pulmões mofados. Trombose. Ataque cardiovascular. “Queridos humanos, (...) Eu vim expor a aberração da normalidade. Eu vim para perturbá-los. Nada lhes garante que o não-mundo de antes vai voltar. Eu vim parar a máquina cujo freio de emergência vocês não estavam encontrando”. Somos o vírus e o sistema em colapso, descompensado, confuso. Mas também acredito que somos afetividade, cuidado, ternura, alegria. Seríamos o vírus e a cura?

Estou iniciando um movimento de pensar e refletir sobre as epistemologias feministas e sobre sua relação com a

<sup>11</sup> <https://n-1edicoes.org/textos-1>

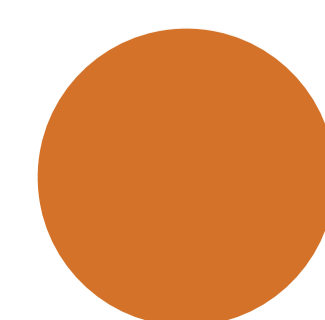
pesquisa artística. Creio que um pouco influenciada por Debora Diniz penso em um futuro baseado nos feminismos e nas redes de cuidado que deles surgem (não foi por acaso que os países governados por mulheres se recuperaram da pandemia com mais velocidade). A proposta dos vídeos e da escrita, também trata disso. De mobilizar e reunir mulheres artistas e pesquisadoras, e não nos perdermos de vista umas das outras. Como já disse Patricia muitas e muitas vezes, é através da arte, dos processos de criação, dos encontros que experimentamos diferentes possibilidades para criarmos, juntas e juntos, circunstâncias onde algo novo possa acontecer. Durante esse processo resgatamos e remexemos nossos imaginários na reconstrução de nossas perspectivas. Juntas.

São as redes de amigas e amores que tem me salvado. Se escrever é narrar-se, hoje, também é esperar.

PS.: Tenho me dedicado a este cuidado comigo mesma. Treino diariamente para recuperar algumas lesões que acumulei ao longo do tempo. Sinto como se fosse a Sarah Connor em *O Exterminador do Futuro*. Também parei de fumar! A cena, os palcos que nos esperem, por que vamos voltar como tudo! Vamonos!

Saudade de vocês,

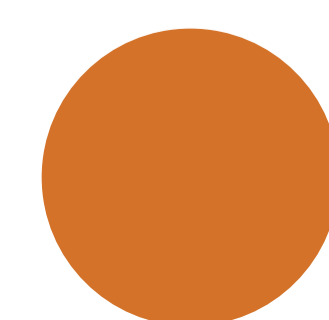
Ju.



Oi gurias! Como vocês estão hoje?

Narrar os tempos atuais através de movimentos corporais e de palavras escritas não é tarefa fácil. Como a Patrícia falou, é uma tentativa de entender-inventar essa realidade tão inesperada. O futuro sempre é indefinido, mas a gente tinha pelo menos alguns parâmetros que, desde março desse ano, não existem mais. Então, mesmo antes de começarmos nosso exercício de criação das cenas pandêmicas, eu já estava dançando bastante em casa. Descobri uma coisa óbvia, que era possível dançar na minha própria casa, que era possível criar danças a partir do espaço que se tem. O piso é frio, o espaço é pequeno, mas eu tenho uma casa confortável e redescobrir esse meu corpo-casa dançante foi muito importante para a invenção dessa nova realidade de quarentena. Eu estou dançando pelos cantos da minha casa, abrindo gavetas de mim mesma e limpando sujeiras em busca de lugares com sol e vida.

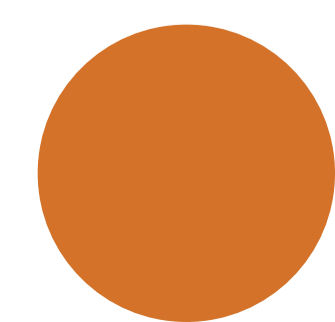
Como muitas pessoas nesse período, revirei memórias, arquivos e sigo me revirando do avesso. Agora, revendo minhas escritas de três ou quatro meses atrás, vejo que eu me perguntava coisas sobre dentro e fora, fazendo relações entre eu e o outro e entre a casa e a rua. Eu dancei com as portas e janelas da minha casa, essas que são aberturas (que portam fechaduras) para o mundo e que nos isolam da contaminação. Aqui dentro, segurança,



lá fora, morte. Eu penso muito sobre a morte, não só por causa do meu pai que morreu recentemente, mas também porque o número de mortos cada dia aumenta mais e essa informação me invade através da televisão, da internet, do rádio, dos vizinhos e dos amigos.

Em maio, quando começamos a criar os vídeos, eu estava há mais de um mês dentro de casa, sem pisar na calçada nem para ir ao supermercado, já que estava indo de carro fazer compras. Então os pensamentos sobre o duplo morte-vida me faziam pensar se as cidades ainda estavam vivas. Olhei para fora, pela fresta do portão, e descobri a vida que existia dentro: as formigas do pátio de casa seguiam sua trilha como se nada estivesse acontecendo. Do lado de lá, as patinhas do cachorro passavam em sincronia com o som dos carros e isso me fez lembrar aquele texto do Vladimir Safatle (2020), da n-1. Mas tirando as frestas, janelas e buracos de fechadura, eu só via a cidade mediada pelas telas, então as nossas produções artísticas me ajudaram, naquele momento, a elaborar o luto das mortes reais e das mortes de hábitos, lugares, ofícios e lazeres.

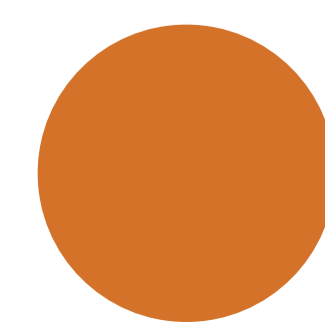
Pelas frestas e pelas telas eu me dei conta de uma coisa, que o (meu) mundo tinha virado bidimensional: a cidade se resumia às fachadas arquitetônicas do lado contrário da rua, dança e teatro viraram vídeo, nós viramos imagem em





movimento nas *lives*, reuniões online e encontros virtuais via computadores e celulares. Será que a terceira dimensão também morreu? Não existe mais a experiência urbana, nem encontros espontâneos, nem reuniões de pessoas. Agora é tudo síncrono ou assíncrono, pelo menos para mim. E, quando percebi isso, me deu um cansaço, sabe? Naquele momento, notei que eu era/sou uma imagem com um cenário bonitinho que eu ajeito a luz para aparecer de um jeito ou de outro na frente das pessoas-avatars. Sim Nina, eu também estou me aborrecendo com o excesso da minha imagem nas telas. E vocês? Vocês também passaram a olhar para os ambientes da casa de vocês pensando quais deles dariam bons cenários?

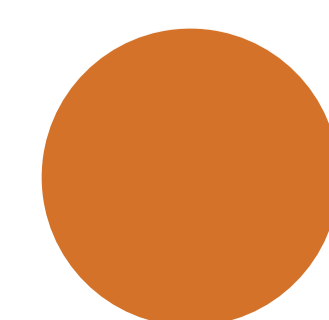
Essa pseudo-morte da tridimensionalidade – ou o uso excessivo das telas – me faz pensar sobre a educação e imagino que vocês também sigam refletindo sobre essas aulas remotas que quase todas nós temos ministrado. O corpo, que já era bem menosprezado na escola, agora virou nada. Esses dias em uma reunião online da escola, meus legas de outras áreas (que não a dança nem o teatro) conversavam sem ligar suas câmeras. Tudo bem que nem todo mundo se sente à vontade com essa mediação tecnológica, é tudo estranho para a maioria de nós, mas vocês já pensaram uma reunião onde a gente não enxerga nenhum corpo? Só ouve vozes do além e imagina os corpos



que são essas vozes? Porém, mesmo aquelas imagens de troncos e cabeças enquadradas na tela do computador (DELEUDEMANN, 2020), também não somos nós. Esses dias me encontrei com um texto na internet que falava sobre isso. Setiya (2020, s.p.) dizia que “Quaisquer que sejam as impressões de outras pessoas, nossas encarnações digitais não somos nós. Não somos simplesmente mentes, acessíveis através de telas, assim como através de carne e sangue; nossos corpos são essenciais para o que somos.”

Então, creio que o que fica para mim, nesse momento, dessas nossas criações pandêmicas, é conseguir enxergar um pouco essas características que são fundamentais para a dança e para a educação, na minha dança com os espaços da casa, movimentando lutos e cavando contatos com as outras que existem em mim. Nesse período, onde a palavra parece ser fundamental nas relações educativas, seguimos insistindo que o corpo no seu aspecto tridimensional também é linguagem. Porque, como disse o Albuquerque Júnior:

Há momentos em que as palavras parecem lutar consigo mesmas, para poderem expressar o que têm à sua frente. Elas quedam trôpegas, indecisas, titubeantes, balbuciantes. Nesses momentos o silêncio as entrecorta, indiciando que algo de muito difícil de ser dito, de ser expresso, está acontecendo. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020, s.p.).



Então vamos persistir lembrando que somos corpo, pois essa é uma das possibilidades de viver algum tipo de futuro, seja de que forma ele venha a ser.

Beijos escritos e saudades dançadas.

Débora

Caras amigas e companheiras,

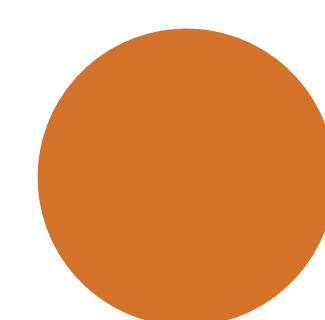
Escrevo no momento em que o mundo gira de um lado para o outro, brinca de dar cambalhotas, nos desafia aos nossos próprios giros e redemoinhos. Sinto vertigem fora e dentro de mim. Sinal de desequilíbrio, no mundo, no corpo. Agosto, cinco meses de quarentena, penso no tempo que corre, que se esvazia em nossas mãos. Lembro dos momentos em que não soubemos o que fazer com o excesso de tempo em casa e nos lembraram que o ócio, para ter êxito, deve ser criativo.

Na derrocada acometida pelo novo corona vírus não demorou muito para que o capitalismo nos lembrasse de que a culpa de não fazer algo produtivo e rentável nos atormentaria. Infelizmente, nosso sistema ainda não sofreu o colapso necessário a ponto de nos libertarmos dele. Basta observar a proliferação de *coaches* incubados desde a metade do século passado e prestar atenção nas

milhares de dicas para o sucesso. Falando nisso, você já tem um *coache* para chamar de seu? Já tomou água? Já fez exercícios? Fez planejamento no seu *planner*? Fez chamadas de vídeo com a família? Fez reunião? Fez? Fez? Fez?... Não? Pois faça, faça até cansar, mas essa última parte não divulgue. O fracasso não é recomendado, o que importa é um resultado de alta performance. E lembre-se de sorrir.

É preciso uma boa pitada de ironia para ver o mundo! Tenho consciência de que não estou fora dessa organização social chamada capitalismo, nela convivo, penso em alternativas, sugiro, às vezes paraliso, outras dou risada de mim mesma afundada nesse próprio sistema que critico. O fato é que no início da reclusão, muitas vezes, me vi perdida sem saber o que fazer e foi no nosso grupo de pesquisa que vi a oportunidade de expressar algo que estava me asfixiando.

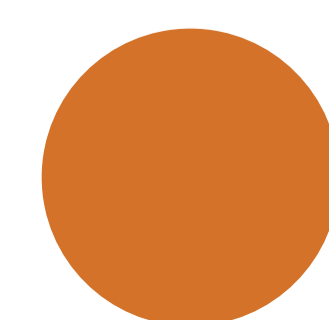
Com a proposta de criarmos uma cena de um minuto a partir dos textos da Coleção N-1, escolhi o artigo *O Medo* de José Gil. Nele encontrei as palavras que me ajudaram a traduzir o pavor que sinto da eminência da vida e da morte neste contexto de pandemia, e transformá-lo em cena. Para mim, há uma espécie de sedução que transita entre vida e morte, então precisava escolher elementos que me ajudassem a achar o tom poético que estava construindo



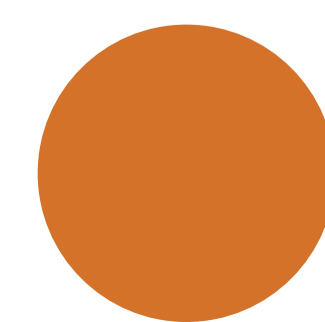
na minha cabeça: Separo uma música de Hermeto, uma máscara de caveira sorridente que usei em um espetáculo em 2016, uma cadeira e um vestido florido. Uma cena caseira, sem muitos recursos que quando pronta traduzi assim:

Queria dançar a dança das palavras envoltas pela melodia das filósofas, das cientistas, das sociólogas, dessa gente pensante que escuto em silêncio, que faz eco em mim e reverbera, re ver bera a aa... e enfim, convido a morte para dançar. Ela sorri, devolvo o gesto, meu vestido florido roda, sinto o ar e sinto medo, “não o medo da morte, [como diz José Gil] mas o medo da morte absurda, imprevista, brutal e sem razão, violenta e injusta. Arrebenta com o sentido e quebra o nexó do mundo.” E eu danço.

Desde então tenho dançado com esse meu pequeno corpo de artista, professora, doutoranda, e cada passo, um ritmo diferente que me induz a explorar coreografias ora menos complicadas, ora mais complexas. Convoco a dança para tentar entender meus próprios movimentos nesse cenário coletivo que ultrapassa o absurdo. Gostaria de escrever uma carta mais confiante, mas ainda não vejo alternativa de mudanças concretas se seguirmos nesse ritmo esquizofrênico de exploração, que queima, arde, suga o máximo possível e submerge em resina sintética, formando ilhas de lixo dentro dos oceanos. Nossos restos necessitarão de séculos para deixarem de existir no planeta.



Penso que nosso papel como artistas é nos posicionarmos frente às diversidades do nosso tempo. Por isso, me vejo refletindo, estudando sobre possibilidades para essas questões que me afetam, assim como as pautas feministas, que vocês sabem o quanto são importantes para mim e o quanto me movem. Também tenho pensado no teatro e observado como ele sobrevive na distância do toque, do abraço, do afeto. Se tem algo que não me preocupa é a possibilidade de seu desaparecimento, pode parecer ingênuo, mas para mim, enquanto existir alguém com vontade de teatro, o teatro vai continuar a existir. Entre sonhos, desejos, conjecturas e um salário que me permite usufruir o direito de “se puder, fique em casa” - enquanto, infelizmente, essa não é uma prerrogativa de grande parte da sociedade - faço o que posso dentro das minhas possibilidades. Desejo em uma próxima carta ser mais positiva, contar das minhas expectativas e principalmente de minha esperança para um mundo melhor, mas não a esperança de quem espera, e sim a esperança como verbo, como ação, como nos ensina Paulo Freire. Agradeço pelo impulso inicial ter acontecido com as provocações em nosso grupo que achou entre FRESTAs modos de respirar e deixar que possibilidades germinassem entre as rachaduras, assim como as ervas daninhas que nascem sobre o concreto.



Com amor,

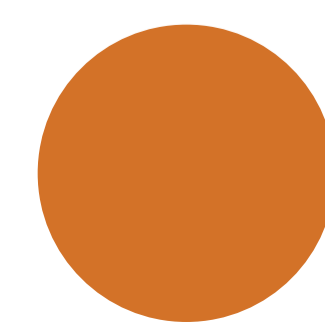
Iaiá

Cara pessoa que nos lê

Estas são nossas cartas, breves narrativas de mundo em uma janela de tempo, sob a perspectiva de nossas diversas lentes. Este foi um dos modos que encontramos para nos comunicar, para trocar, estas ações que parecem tão importantes neste momento, e sempre. E você, como vai? Como anda se comunicando, trocando, imaginando com outras pessoas? Sabemos que o mar não está para peixe, nem para encontros. Ainda assim, acreditamos que é na partilha, na escrita de nossas próprias narrativas na pele do mundo, que podemos esperar outros futuros, em contraponto à estes tempos distópicos. O que você deseja contar, narrar? Para quem? Pensamos que é necessário contar nossas histórias, para que componham a memória do tempo. E acreditamos que a arte nos fortalece nesta aventura. Vamos?

Aquele abraço

Nós



## \_\_REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A palavra como luto e como luta.** Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/004>>. Acesso em: 19 maio de 2020.

ALCÂNTARA, Celina; ICLE, Gilberto. **Escrever, incorporar, inscrever-se:** práticas de criação de si na formação teatral. Revista Educação, Porto Alegre, vol. 37, n. 3, p. 463-470, set./dez. 2014.

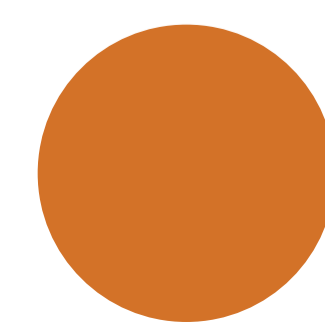
Autora desconhecida. **Monólogo do vírus:** eu vim parar a máquina cujo o freio de emergência vocês não estavam encontrando. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/005>. Acesso em: 15 maio de 2020.

DELUDEMANN, Nina. **De pé na mão.** Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/053>>. Acesso em: 15 maio de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIL, José. **O Medo.** Disponível em: <https://n-1edicoes.org/001>. Acesso em: 18 maio de 2020.

KUNST, Bojana. **Las dimensiones afectivas del trabajo artístico:** La paradoja de la visibilidad. Traducción, Isabel de Naverán. En Ejercicios de ocupación: Afectos, vida y





trabajo, Quim Pujol & Ixiar Rozas, eds. Barcelona: Polígrafa—. 2015. *Artist at work: Proximity of art and Capitalism*. London: Zero Books.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autentica, 2014.

PASCOAL, Hermeto. **BEBE**. Doug de Vries, James Macauley. Disco: The Monash Session, de Hermeto Pascoal. Acesso em: <https://www.jrmcoaching.com.br/blog/como-surgiu-e-qual-o-objetivo-coaching/#:~:text=Derivada%20da%20palavra%20inglesa%20coach,guiadas%20pelos%20chamados%20%E2%80%9Ccoacheiros%E2%80%9D>. Data: 19 de julho de 2020.

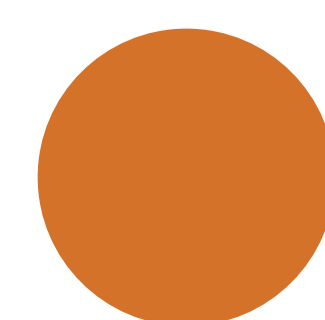
PONTE. Mariana Ferrari entrevista Rosane Borges. O que é necropolítica. E como se aplica à segurança pública no Brasil. Entrevista completa disponível em: <https://ponte.org/o-que-e-necropolitica-e-como-se-aplica-a-seguranca-publica-no-brasil/>. Acesso em: 17 de abril de 2020.

SAFATLE, Vladimir. **Bem vindo ao estado suicidário**. 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/036>. Acesso em: 19 mai. 2020.

SETIYA, Kieran. **What the pandemic tells us about personal identity**. 2020. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/science-tech/social-media/2020/05/lockdown-physical->

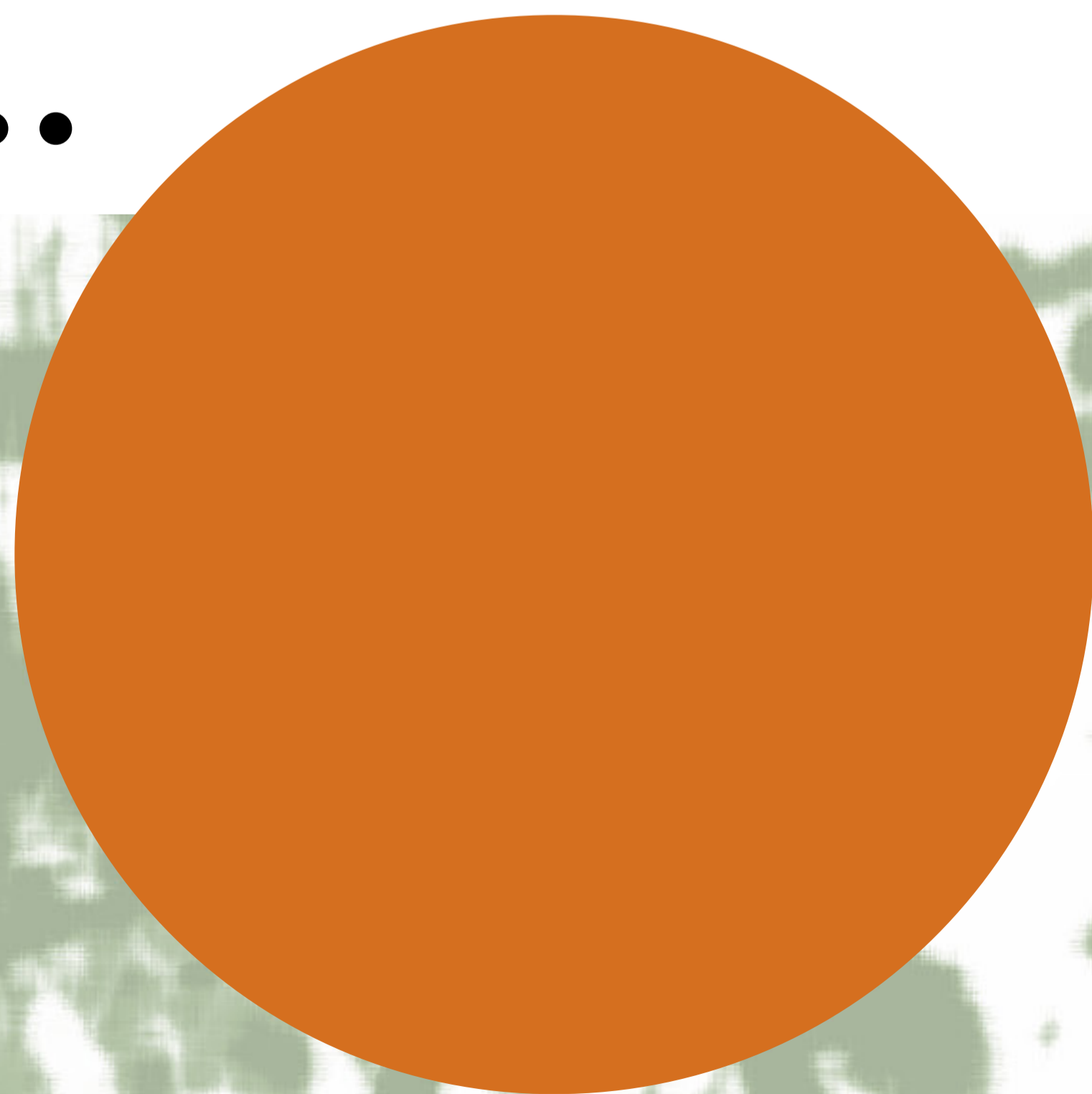
[digital-communication-alienation-loneliness-philosophy?fbclid=IwAR2kLBkUttonX6cB-sBXG4SAWnLL1f5lNXKB3F\\_3SY-4pRMZf94GQcsq6L0](https://www.facebook.com/1000000000000000/?fbclid=IwAR2kLBkUttonX6cB-sBXG4SAWnLL1f5lNXKB3F_3SY-4pRMZf94GQcsq6L0). Acesso em: 19 maio de 2020.

Link para seleção de vídeos produzidos: <https://youtu.be/UbiwxpLY6hY>





**PPG-Artes da Cena**  
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena  
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

